

FANTASMA DA “GUERRA FRIA” ASSOMBRA DE NOVO A EUROPA

‘COLD WAR’ GHOST HAUNTS EUROPE AGAIN

Carlos Santos Pereira

Mestre em História Contemporânea
Universidade Nova de Lisboa
Investigador Associado do CIDIUM
Lisboa, Portugal
carlossantospereira.50@gmail.com

Resumo

As ilusões nascidas da queda do Muro de Berlim, e as promessas de uma acentuada aproximação entre a Rússia e o Ocidente na era Ieltsin cederam lugar, duas décadas e meia depois, a um clima crescente de hostilidade e confronto.

Desde o fim da guerra fria as relações entre a Rússia e o Ocidente registam altos e baixos. Os contenciosos com o Ocidente vão agravar-se sob a liderança de Vladimir Putin mas os problemas vêm já desde o período Ieltsin com o alargamento da NATO ou a crise do Kosovo. Este ensaio propõe-se analisar esta evolução e demonstrar que a situação actual resulta de objectivos estratégicos irreconciliáveis, de erros de cálculo mas sobretudo de opções deliberadas feitas tanto em Moscovo como em Washington e nas capitais da NATO.

A tensão entre a Rússia e o Ocidente atingiu níveis sem precedentes e criou uma das situações mais perigosas na Europa desde o fim da Guerra fria. A exibição força entre a Rússia e a NATO e a crescente tensão em cenários críticos como a Ucrânia, a Síria ou o Báltico alimenta receios de que um incidente ou erro de cálculo possa provocar um choque militar de proporções incalculáveis.

Palavras-chave: Guerra fria, Nacionalismo, Identidade Russa, Dierjavnost, Áreas de Influência, Ameaça Militar.

Como citar este artigo: Pereira, C., 2016. Fantasma da “Guerra Fria” Assombra de Novo a Europa. *Revista de Ciências Militares*, novembro de 2016 IV (2), pp. 163-184.
Disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes>.

Abstract

The illusions born with the fall of the Berlin Wall, the honeymoon and the promises of a close cooperation between Russia and the West during the Yeltsin era gave place, two and a half decades later, to an atmosphere of growing hostility and confrontation.

Since the end of the Cold War the relationship between Russia and the West evolved between ups and downs. The contention grew under the leadership of Vladimir Putin, but the problems come from the same Yeltsin years with NATO eastward expansion or the Kosovo crisis. This paper intends to analyse this process to demonstrate that the present situation is the product of the clash of strategic objectives, political miscalculations and deliberate choices made both in Moscow and NATO capitals, as this paper intends to argue.

Tension between Russia and the West attained unprecedented levels since and created one of the most dangerous situations in and around Europe since the end of the Cold War. The flexing of military muscles between Russia and NATO and the growing tension in flashpoints like Ukraine, the Baltics or Siria raises concerns that an incident or miscalculation could spark a military clash of unpredictable proportions.

Keywords: *Cold War, Nationalism, Russian Identity, Dierjavnost, Influence Areas, Military Threats.*

Navios russos e da NATO vigiam-se numa atitude hostil no Atlântico e no Ártico. Washington acusa um caça russo de interceptar de forma “agressiva” um avião de reconhecimento americano sobre o Báltico. Caças russos sobrevoam repetidamente um *destroyer* americano que navegava nas proximidades do enclave russo de Kalininegrado.

A tensão entre a Rússia e o Ocidente atingiu nos últimos meses níveis sem precedentes desde o colapso do antigo bloco soviético. A NATO e a Rússia acumulam um impressionante aparato bélico nas frentes do leste europeu numa escalada de ameaças e contra-ameaças. Aviões russos simularam um ataque à capital sueca. A NATO realiza manobras simulando um assalto russo à Polónia.

As ilusões nascidas da queda do Muro de Berlim e as esperanças de uma aproximação entre a Rússia e o Ocidente no início dos anos 1990 cederam lugar a um clima de hostilidade e de tensão. A “guerra fria” regressa ao discurso dos políticos e ao imaginário dos *media* e a hipótese de um confronto militar na Ucrânia, da Síria ou no Báltico aflora de novo nos cenários dos analistas.

Ao longo do último quarto de século as relações entre a Rússia e o Ocidente registam altos e baixos, das promessas de cooperação da era Ieltsin (1991-1999) ao acumular de tensões em meados da década seguinte, do *reset* do final dos anos 2000 à escalada de tensão a que assistimos hoje.

As razões da degradação das relações entre a Rússia e o Ocidente têm gerado aceso debate entre académicos, analistas e responsáveis políticos e militares. Muitos tendem a concentrar-se na personalidade política de Vladimir Putin e na orientação que o número um do Kremlin imprimiu à política externa e de segurança da Rússia. Em rigor, a questão é mais complexa e extravasa largamente a actual liderança do Kremlin. A situação actual resulta do choque de objectivos estratégicos em confronto, de erros de cálculo mas sobretudo de opções políticas deliberadas feitas tanto em Moscovo como em Washington e nas capitais da NATO.

As raízes do progressivo divórcio entre Moscovo e o Ocidente remontam em última análise à segunda metade dos anos 1980, ao período em que Mikhail Gorbatchov negociou com Ronald Reagan e Helmut Kohl o desmantelamento das antigas estruturas do Pacto de Varsóvia e a reunificação alemã.¹ Os contenciosos multiplicam-se na década seguinte, em plena era Ieltsin, em torno do conflito dos Balcãs, do alargamento da NATO a Leste, da crescente influência americana nas antigas repúblicas soviéticas.

A “lua de mel” vivida nas relações russo-americanas na era da *perestroika* e sobretudo nos primeiros anos da era Ieltsin (1991-1999) há muito se esgotara quando Putin assume o poder, no início de 2000. No seu programa de “reconstrução da Rússia” o novo líder do Kremlin fazia da cooperação com o Ocidente em matéria política, económica e na área da segurança uma aposta estratégica.

O presente ensaio propõe-se analisar este processo, apostando fundamentalmente em três ângulos de observação. Primeiro, a análise das situações críticas que pontuaram esta evolução – dos alargamentos da NATO às “revoluções coloridas” de 2004-2006, dos desacordos quanto às defesas antimísseis à guerra russo-georgiana de 2008, da anexação da Crimeia pela Rússia às incógnitas da crise síria - tendo em conta tanto as posições do Ocidente como as perspectivas das elite políticas e da opinião pública russa.

Cálculos externos e razões de ordem doméstica russa jogam em estreita interacção na resposta do Kremlin a essas situações (Snetkov, 2015, p. 3). Procurar-se-á assim acompanhar a evolução do regime de Vladimir Putin, das suas concepções da segurança do país e do regime e dos factores que a ameaçam.

A documentação estratégica e militar produzida pelo Kremlin ao longo do último quarto de século - doutrinas militares, conceitos de segurança nacional e conceitos de política externa — proporciona enfim uma análise mais aturada da visão russa do Mundo e da evolução dos cálculos estratégicos do Kremlin.²

Este ensaio procurará assim avaliar os desafios que a tensão nas relações com Moscovo coloca ao futuro do espaço euro-atlântico e antecipar cenários de risco que, nas perspectivas mais alarmistas, configuram mesmo a ameaça de um confronto militar directo.

¹ Gorbatchov queixar-se-ia mais tarde de ter sido traído ao confiar nas garantias formais recebidas de Washington de que a NATO não se expandiria para os países que faziam até então parte do Pacto de Varsóvia.

² Conceito de Política Externa de 2000, 2008 e 2013, Estratégia de Segurança Nacional de 2000 e 2009 e nas doutrinas militares de 2000, 2010, 2014.

A herança de Ieltsin

Boris Ieltsin abandona o poder, ao cabo de uma longa agonia física e política, em vésperas do Ano Novo de 2000. Deixa ao seu delfim e sucessor, Vladimir Putin, uma herança pesada.³ Um Estado paralisado, um tecido social e político minado pela corrupção e pelo nepotismo, uma economia em derrocada, forças armadas à deriva.

A nova liderança do Kremlin faz um rápido diagnóstico da situação. Jurisdições regionais e potentados económicos escapam à alçada das instituições e das leis federais. A economia russa está à beira do colapso. O desafio secessionista no Cáucaso ameaça a própria integridade da Federação Russa.⁴

A “terapia de choque” do início dos anos 1990, as “reformas” administradas pela equipa de ultraliberais de Ieltsin com o apoio das instituições ocidentais – FMI e do Banco Mundial – mergulharam a economia russa no caos e atingem duramente a população. A inflação dispara, os salários são congelados, o desemprego aumenta.

Um programa de privatizações forçadas desbarata a preços de saldo em meados dos anos 1990 a indústria e recursos fundamentais do país, e enriquece um poderoso grupo de *businessmen* – os “oligarcas”. Os efeitos do *crash* global de Agosto de 1998 agravaram ainda a situação. A Rússia entra em incumprimento face ao FMI.

A primeira década pós-União Soviética deixa uma enorme decepção e um sentimento de profunda humilhação entre a população. Os russos referem-se à experiência da *diemokratsia* (democracia) como *diermokratsia* (*diermó* é o calão russo para “fezes”).

A Rússia vive ao mesmo tempo uma profunda crise existencial, à procura de uma nova identidade (Hosking, 2001). Com o colapso da URSS, o país via escapar-se-lhe boa parte das conquistas que, de Ivan *O Terrível* a Alexandre II, levaram as fronteiras russas à Sibéria, ao Báltico e ao Pacífico.

A expansão da NATO a Leste vem coroar os recuos contínuos que a potência russa sofrera nos últimos anos e constitui um choque para Moscovo. No espaço da ex-URSS os esforços da Rússia para recriar uma integração regional no quadro da CEI marcam passo face às resistências de várias repúblicas.

No início dos anos 1990 encarava-se com entusiasmo a cooperação com o Ocidente e alimentava-se a expectativa de uma rápida integração nas instituições ocidentais. Boris Ieltsin opta sistematicamente por um alinhamento com a NATO e as posições ocidentais no Golfo, em 1991, ou nos Balcãs. A Rússia tentou mesmo acomodar-se à expansão da NATO a Leste, aderindo ao *Partnership for Peace* e ao Conselho NATO-Rússia na expectativa, em breve gorada, de garantir que a voz da Rússia seria ouvida nas grandes decisões da Aliança. Os diferendos não tardam assim a acumular-se.

³ Putin assume a chefia do Governo em Agosto de 1999, torna-se presidente interino na sequência da abdicação de Ieltsin, a 31 de Dezembro de 1999 e assume definitivamente o cargo como presidente eleito a 7 de Maio de 2000.

⁴ Ver o texto de Vladimir Putin “*Russia at the turn of the millennium*”, de 29 de Dezembro de 1999, disponível em www.pravitelstvo.gov.ru.

A questão do lugar da Rússia no Mundo e as opções estratégicas do país alimentam um debate apaixonado em Moscovo. Ievgueni Primakov, que assume a pasta dos Estrangeiros em Março de 1996, ilustra a “opção eurasiática” da diplomacia russa. Dá-se uma notória aproximação entre Moscovo e Pequim.

Na capital russa instala-se cada vez mais o sentimento de que afinal a badalada “parceria estratégica” com o Ocidente tem um sentido único – a submissão completa aos pontos de vista americanos. Os russos sentem que o Ocidente não correspondeu aos gestos de Moscovo e que as enormes cedências nos últimos anos – reunificação alemã, retirada do Leste - tinham afinal sido em vão.⁵ No final da década as expectativas em relação ao Ocidente dão lugar à desconfiança e a um sentimento de orgulho ferido.

O velho “complexo de cerco” assedia de novo a Moscóvia. Muitos vêem a “mão” da América nos embaraços da Rússia na CEI. Washington aposta em desafiar directamente a Rússia em áreas que Moscovo reivindica como área “dos seus interesses directos” como o Cáucaso ou a Ásia Central.

O ataque da NATO à Jugoslávia (Sérvia e Montenegro) na Primavera de 1999 vai marcar profundamente a forma como a Rússia olha o Ocidente. O bombardeamento da Sérvia constitui uma “humilhação” e uma “bofetada” para a Rússia – escreveu Aleksei Arbatov, uma das vozes mais respeitadas em matéria de Defesa e política externa da Rússia.⁶

Vários tratados de desarmamento antes assinados ou em vias disso foram congelados ou viram a sua ratificação suspensa. As ilusões de uma verdadeira parceria entre a Rússia e a NATO em matéria de segurança foram rapidamente enterradas.

“Hoje a Jugoslávia, amanhã a Rússia...” – eis um sentimento comum entre os russos perante os bombardeamentos da NATO sobre Belgrado. Sob o efeito de choque do ataque da NATO contra a Sérvia o Kremlin aumenta o orçamento da defesa e enceta uma profunda revisão dos conceitos de segurança e da doutrina militar.

A “reconstrução da Rússia”

O problema está antes de mais dentro da própria Rússia. “A reconstrução de uma Rússia poderosa não virá de fora porque ninguém o fará por nós” – conclui o novo líder do Kremlin. A Rússia tem que “encontrar seu próprio caminho para a renovação” e contando com as suas próprias forças.⁷

O programa de Vladimir Putin aposta ao mesmo tempo na economia de mercado com um reforço da autoridade do Kremlin de forma a devolver ao Estado o controlo da vida social e económica do país.⁸ O choque da tomada de reféns de Beslan por um comando

⁵ Jacques Sapir: “Russie, la responsabilité occidentale”, *Le Monde*, 2 de Setembro 1999.

⁶ Alexei G. Arbatov, “The Kosovo Crisis: The End of the Post Cold War Era”, *Occasional Paper*, the Atlantic Council of the United States, Washington, DC, Março 2000.

⁷ “Russia at the turn of the millennium”, *op. cit.*

⁸ *Idem.*

tchetcheno, em Setembro de 2004, marca um ponto de viragem. Uma série de reformas limita a autonomia política das regiões e impõe aos governadores a autoridade do Kremlin e as normas orçamentais e fiscais federais.

Uma nova lei dos partidos (2001, emendada em 2004) e nova lei eleitoral (2005) procuraram arrumar o quadro político. A Rússia Unida, partido criado em 2001 para apoiar Vladimir Putin, afirma rapidamente uma virtual hegemonia.⁹

Os barões do *business* e dos novos *media* independentes - Vladimir Gusinski, o fundador da *Media Most* e dono da cadeia de televisão independente de NTV, Boris Berezovski, entre outros – estão na mira do Kremlin. Mikhail Khodorkovski, o patrão da *Yukos* (a maior companhia russa de petróleo na altura) é detido em 2003 por “corrupção” e “desvio de fundos”.

Os resultados começaram a surgir. Beneficiando de uma situação excepcionalmente favorável no mercado dos hidrocarbonetos, Putin recompõe os cofres do Estado, restabelece o crescimento que atinge 6,5 por cento ao ano nos anos seguintes, melhoria substancial do nível de vida, salda a dívida externa russa.

Conta com um vasto apoio em vários sectores da sociedade russa. A Rússia Unida domina as legislativas de 2003, conquistando 37, 57 por cento dos votos (223 de 450 lugares na дума estatal), enquanto os partidos liberais como o *Iabloko* ou o próprio Partido Comunista sofreram importantes recuos. As presidenciais de Março de 2004 dão-lhe um triunfo em toda a linha (71 por cento dos votos) premiando uma imagem de “duro”, capaz de pôr ordem na casa e de mão tesa no combate ao terrorismo.

O programa de Putin aposta numa aproximação económica e política à América e à Europa – política olhada de resto com algum cepticismo face ao desencanto em relação ao Ocidente entre as elites e a população russa. Em matéria de segurança Putin apela a uma estreita cooperação, em particular na luta contra o terrorismo, identificado pelo Kremlin como uma das mais sérias ameaças à segurança do país. (Smith 2005, Baranovski 2000).

Depois do 11 de Setembro de 2001, Putin é dos primeiros a manifestar a sua solidariedade com a América. Moscovo ofereceu um apoio pronto à campanha lançada pela Administração Bush no Afeganistão e mesmo assistência prática na instalação do dispositivo americano na Ásia Central.¹⁰ Esta aposta no Ocidente é porém condicionada à perspectiva de um pleno reconhecimento da Rússia como “parceiro entre iguais” no concerto internacional (Snetkov, 2015, p. 70).

O caso Khodorkovski marca um ponto de viragem. O desmantelamento da *Yukos* e o julgamento do magnata são vistos em Washington como um atentado contra as reformas de tipo ocidental na Rússia e um sistema judicial independente. A imprensa ocidental aponta o dedo às medidas de intimidação contra quantos desafiam a linha do Kremlin e contra a

⁹ Clémentine Fauconnier, “Après la vague de protestation de l’hiver 2012: La scène politique russe a-t-elle changé ?”, *Diplomatie*, 66, Janvier-Février 2014.

¹⁰ Apoio que não é de resto alheio às próprias preocupações de segurança russa- Face à ameaça do islamismo militante no Cáucaso do Norte, e em particular na Tchetchénia Moscovo olhou sempre com inquietação o domínio dos talibã e da al Qaeda no Afeganistão, bem como o próprio recrudescer do tráfico de estupefacientes em direcção à Rússia.

livre expressão dos *media*. O vice-presidente Americano Dick Cheney fala de uma “deriva autoritária” na Rússia.

Três meses depois da ocupação do Kosovo pela NATO, a Rússia lança um ofensiva em larga escala na Tchetchénia, ignorando as críticas do Ocidente e contando desde vez, e ao contrário do que acontecera cinco anos antes, com um forte apoio entre a população.¹¹

Os planos americanos de um sistema de defesa antimísseis – o *National Missile Defense* (NMD) anunciado pela Administração Bush em Setembro de 2002 e novos planos de alargamento da NATO – em 2004 as três repúblicas do Báltico integrarão as fileiras da Aliança – agravam ainda os contenciosos entre Washington e Moscovo.

As novas versões da “doutrina militar” e do “conceito de segurança nacional” aprovadas na sequência do ataque da NATO à Sérvia, recupera o dissuasor nuclear como elemento fulcral da segurança do país, admitem o recurso ao armamento nuclear em caso de ameaça séria ao país e advoga o emprego regular das forças militares russas em conflitos locais mesmo a nível doméstico.¹²

O Conceito de Política Externa de 2000 aponta as mudanças no sistema internacional e olha o “reforço da posição dos EUA no Mundo como o principal e único centro de poder” como uma “ameaça à segurança da Rússia”.¹³

Moscovo aposta ao mesmo tempo numa política externa multifacetada e continua a tentar explorar alternativas à “hegemonia” americana - Organização de Cooperação de Xangai criação do fórum BRIC - e assume um papel cada vez mais activo em grandes fóruns internacionais como o G20. A diplomacia russa mobiliza assim “diferentes identidades para espaços e actores diferentes – europeia na Europa, ‘parceiro estratégico’ transcontinental na relação com os EUA, eurasiático na Ásia, cautelosamente integracionista na CEI” (Snetkov, 2015, p.194).¹⁴

No espaço da ex-URSS Moscovo adopta uma linha pragmática, evitando empenhamentos “neo-imperiais” onerosos, e apostada fundamentalmente em prevenir desenvolvimentos que possam pôr em causa os interesses de segurança da Rússia.

A liderança russa rejeita cada vez mais o que vê como a imposição dos “valores ocidentais” e a noção de “normas universais” inspiradas pelo Ocidente, e acusa Washington e seus aliados de “dois pesos e duas medidas” na gestão da questões internacionais, sublinhando ao mesmo tempo a importância dos valores, cultura e interesses da própria Rússia.¹⁵ A Rússia começa mesmo a questionar se os seus valores são compatíveis com os do Ocidente.

¹¹ O ataque russo, lançado em Setembro de 1999, retoma Grozny e recupera no fundamental o controlo do território tchetcheno em Abril de 2002, iniciando-se então um processo de “normalização” da Tchetchénia.

¹² Voiennaia Doktrina Rossiiskoi Federatsii. Utverjdena Ukazom Prezidenta RF ot 21 apreliia 2000 g. No. 706, de 21 de Abril de 2000, disponível em www.scrf.gov.ru.

¹³ Kontseptsiiia vneshnei politiki Rossiiskoi Federatsii”, *Diplomaticheskii Viestnik*, 2000:8, citado em Snetkov, 2015, p. 104.

¹⁴ Ver, para uma análise das diversas identidades na política externa russa, de Duncan, P. J. S., “Contemporary Russian Identity between East and West”, *The Historical Journal*, 48, 1, pp. 277-294.

¹⁵ Dmitri Trenin “Russia Redefines Itself and Its Relations with the West”, *The Washington Quarterly*, 30:2 pp. 95-105, Spring 2007, disponível em faculty.maxwell.syr.edu/.../Trenin_RussiaRedefines.pdf.

Moscovo vai assim mobilizar os trunfos que lhe restam para a afirmação da Rússia no plano externo – os recursos energéticos, o dissuasor nuclear, as capacidades da indústria militar e as próprias minorias russas nos novos estados independentes que a rodeiam, em particular no caso das repúblicas do Báltico.

Aos olhos do Kremlin a decisão americana de invadir o Iraque em 2003 sem uma resolução do Conselho de Segurança assinala a prontidão do Ocidente de utilizar unilateralmente a força ignorando a lei internacional e os princípios da soberania e é apresentado em Moscovo como um perigoso precedente que coloca uma ameaça à ordem e à segurança internacional.¹⁶

Em Moscovo reemergem mesmo interrogações quanto à identidade civilizacional e à orientação geopolítica do país, reeditando o velho debate entre eslavófilos e ocidentalistas que tanto marcou o sec. XIX russo.

As “revoluções coloridas”

A partir de 2004 uma série de convulsões vai alterar substancialmente o quadro político nas imediações da Rússia. As chamadas “revoluções coloridas” - as revoluções “rosa” (Geórgia, 2003), “laranja” (Ucrânia, 2004) ou “das túlipas” (Quirguistão, 2005) que entre 2003 e 2004 instalaram no poder líderes pró-ocidentais em Tbilissi, Kiev e Bichkek.

As “revoluções coloridas”, e em particular o caso da Ucrânia, aumentaram o alarme em Moscovo quanto às acções do Ocidente no espaço pós-soviético - naquilo que do Kremlin reclamava como “zona de interesses privilegiados”.¹⁷

Em Moscovo multiplicam-se alertas para a ameaça de “forças externas” (ou seja, o Ocidente) tentarem minar a própria Rússia a partir de dentro. O discurso oficial do Kremlin passa a apontar o Ocidente como uma “ameaça”.¹⁸

Os efeitos no plano interno são imediatos. Oligarcas, *media* independentes, partidos políticos liberais e ONG russas e estrangeiras que trabalham em áreas politicamente sensíveis e fundações estrangeiras, sobretudo americanas, como a *National Endowment of Democracy*, apontadas como o principal vector de influência ocidental em Moscovo são denunciadas como actores que procuravam minar a estabilidade e prosperidade da Rússia. A segurança do país e do regime passam a confundir-se.

A tendência para um controlo reforçado da vida política, económica e social da Rússia acentua-se (Sakwa, 2008). Tal como durante o tsarismo ou no regime soviético, a cidadania política e as liberdades individuais submetem-se-se uma vez mais aos interesses soberanos do Estado. O regime de Vladimir Putin assume traços de “*sovereign democracy*”, um conceito

¹⁶ Bessmertnykh, A. (2003) “The Iraq War and Its Implications”, *International Affairs*, 4, 49, pp. 24-36, citado em Snetkov, 2015, p. 71.

¹⁷ Lavrov, S. (2005) “Democracy, International Governance and the Future World Order”, *Global Affairs*, 1, January-March, disponível em http://eng.globalaffairs.ru/number/n_4422. Meses depois, a 24 de Dezembro, o próprio Putin definiria a antiga URSS como “área de influência” da Rússia.

¹⁸ Ver, de Dmitri Trenin, “Russia Leaves the West”, *Foreign Affairs*, Volume 85, Number 4, July/August 2006, disponível em <https://www.foreignaffairs.com/articles/.../2006.../russia-leaves-west>.

que defende um modelo político ancorado nas tradições históricas da Rússia elaborado por Vladislav Surkov, ideólogo-chave do regime Putin.¹⁹

O conflito entre a Rússia e a Geórgia, no Verão de 2008, já em plena presidência de Dmitri Medvedev, leva ao clímax dá uma nova dimensão a crise das “revoluções coloridas”.

Na madrugada de 8 de Agosto de 2008 o exército georgiano lança um assalto a Tskhinvali e em poucas horas assume o controlo do território da Ossétia do Sul, palco desde 1991 de um conflito separatista com as autoridades de Tbilissi monitorado por uma força de paz russo-osseto-georgiana. A reacção russa é pronta. As unidades de cabeça do 58º exército atravessam a linha que separa as duas Ossétias (a Ossétia do Norte faz parte da Federação Russa), penetram profundamente no território georgiano e assumem o controlo de vários objectivos estratégicos na Geórgia.

Trata-se da primeira grande acção militar russa fora da Federação desde a URSS. Face à aposta americana na Geórgia e ao apoio directo de Washington à modernização do exército georgiano empreendida pelo regime de Mikheil Saakashvili (instalado pela “revolução rosa”), a dureza da resposta russa assume desde logo acentos de um braço de ferro entre Washington e Moscovo.²⁰

A reacção de Washington não se faz esperar. A Rússia é excluída de uma reunião de urgência do G8 sobre a crise na Geórgia. A NATO congela as relações com a Rússia. Kiev ameaça bloquear o regresso dos vasos de guerra da frota russa do Mar Negro ao porto de Sebastopol. Em Novembro de 2008 as autoridades russas ameaçaram colocar o sistema de mísseis *Iskander* no enclave de Kalininegrado em retaliação pela decisão americana de instalar defesas antimísseis na Europa de Leste.²¹

A intervenção militar russa atinge entretanto outro grande desígnio: travar a integração da Geórgia na NATO. A candidatura georgiana (tal como a da Ucrânia), fortemente apoiada por Washington, dividiu os aliados europeus na cimeira euro-atlântica de Bucareste, em Abril de 2008. E as reticências de franceses e alemães, que preferem claramente evitar confrontar a Rússia, vêm-se reforçadas pela aventura militar lançada por Saakashvili na Ossétia do Sul.

A “Doutrina Militar” russa de 2010 reflecte nas suas prioridades as mudanças que se registam no quadro internacional e as novas expressões de conflitualidade.²² A lista de “riscos” e de “ameaças” à Federação Russa - e a própria acção russa na Geórgia - traduz uma vez mais um dos traços permanentes inerentes à cultura estratégica russa - o receio extremo da instabilidade nas suas fronteiras nacionais, ou naquilo que considera as suas fronteiras de segurança”.

¹⁹ Fauconnier, *op. cit.*

²⁰ O contencioso entre Moscovo e Tbilissi prende-se, entre outras razões, com as acusações de que o regime de Saakashvili estaria a dar apoio directo e a oferecer um santuário à guerrilha independentista tchetchena.

²¹ No início de 2007, a Casa Branca anunciou um acordo para a instalação de defesas antimísseis na República Checa e na Polónia – iniciativa denunciada em Moscovo como uma manobra de cerco à Rússia, com o pretexto da ameaça iraniana.

²² Segundo o texto da “Military Doctrine of the Russian Federation”, aprovado pela presidência russa a 5 de Fevereiro de 2010 traduzido para inglês pela Carnegie Foundation, disponível em http://carnegieendowment.org/files/2010russia_military_doctrine.pdf.

O regresso de Putin

A crise económica de 2008-2009 - flutuações nos mercados financeiros, a queda dos preços do petróleo, a redução do consumo na Europa, recessão global - atingem profundamente a economia russa, ameaçando comprometer os avanços conseguidos no período de crescimento dos anos anteriores. Ao mesmo tempo as reformas destinadas a modernizar a economia, corrigir a ultra-dependência do petróleo e do gás, captar investimento estrangeiro e combater a corrupção anunciadas por Medvedev em 2008 praticamente não passam do papel.

O aumento dos preços alimentares geraram um clima de descontentamento no país. A situação coloca em risco essa espécie de contrato implícito entre o regime de Putin e a população – os russos aceitam restrições políticas e sociais em troca de uma melhoria do seu nível de vida (Snetkov, 2015, p. 103).²³

Os sinais de descontentamento multiplicam-se nos meses seguintes. Uma vaga de protestos em que se misturavam grupos com diversos credos políticos, liberais, nacionalistas e comunistas, grupos locais, partidos, e em que a *Net* assume pela primeira vez um papel crucial, contestam os resultados das legislativas de 4 de Dezembro de 2011, em que a Rússia Unida conquistou 52,88 % dos assentos na Duma e exigem uma repetição das eleições.

É a primeira vaga de contestação directa ao regime desde que Putin assumiu o poder. A escalada dos protestos não amadurece ainda assim qualquer alternativa credível. Vladimir Putin é reeleito em Março do ano seguinte com 63,60 por cento dos votos.

A crise que marca o ciclo eleitoral de 2011-2012 gera uma nova troca de acusações entre Moscovo e as capitais do Ocidente. Hillary Clinton é particularmente dura nas críticas a Moscovo, Putin responde acusando a então secretária de Estado de fomentar a vaga de protestos contra o regime.

As relações com o Ocidente acusam ainda assim alguns progressos a partir da Primavera de 2009. Com a chegada à Casa Branca da nova Administração de Barack Obama dá-se a um notório desanuviamento nas relações entre a Rússia e os Estados Unidos. A 5 de Março de 2009, num encontro de ministros do Estrangeiros da NATO em Bruxelas Hillary Clinton disse que era tempo de um “*fresh start*” com a Rússia. O acordo START III é finalmente assinado em Praga a 8 de Abril de 2010, registam-se progressos nos esforços da Rússia para aderir à OMC.²⁴

Mas os factores de tensão continuam presentes. As negociações sobre o dispositivo antimísseis americano na Europa de Leste marcam passo. Hilary Clinton faz questão de repetir que Washington continuaria a financiar organizações não governamentais na região e

²³ Ver McFaul, M. e Stoner-Weiss, K. (2008) “Myth of the Authoritarian Model – How Putin’s Crackdown Holds Russia Back”, *Foreign Affairs*, 87, 1, pp. 68-84.

²⁴ O Kremlin promove mesmo a cooperação da Organização do Tratado de Segurança (Rússia, Bielorrússia, Cazaquistão, Arménia Quirguistão e Tadjiquistão) com NATO, e do “Espaço Económico Único” (ou “União Eurasiática”, união alfandegária criada em 2012 entre a Rússia, Belarus, Kazaquistão e, mais tarde, a Arménia e o Quirguistão) com a União Europeia, no quadro de um esforço visando obter do Ocidente o reconhecimento do seu papel no espaço da antiga-URSS (Snetkov, 2015, p. 159).

prometeu dois milhões de dólares para um fundo destinado a apoiar as ONG que o Kremlin denuncia como instrumento das manobras políticas americanas na área.

O terceiro mandato de Putin vai ser assim marcado pelo início de um período de maior incerteza política e económica. No discurso do Kremlin acentuam-se agora notas de um patriotismo cada vez mais centrado na promoção dos “valores tradicionais russos”.

Os sinais de endurecimento acentuam-se em Moscovo: repressão das manifestações anti-regime que prosseguem já depois da toma de posse de Putin, em Maio de 2012, perseguição a líderes da oposição, nova regulamentação da Net que pressiona *sites* da oposição sob pretexto de prevenir a pornografia infantil na Net, a condenação a prisão efectiva para as cantoras do grupo rock *Pussy Riot*, e a lei contra os “agentes estrangeiros” que visa as ONG que recebem financiamentos do estrangeiro (2012).

No plano externo a “Primavera Árabe” e aquilo em que Moscovo vê “ingerências” do Ocidente, a intervenção da NATO na crise líbia de 2010- 2012, a questão do reconhecimento internacional do Kosovo ou o programa nuclear iraniano geraram novos factores de tensão entre Moscovo e o Ocidente.

A crise ucraniana de 2014-2015

A crise ucraniana de 2014 eclode na sequência do clima de instabilidade que marca a cena política em Kiev desde revolução laranja de 2004. A origem da crise prende-se exactamente com a competição entre a Rússia e a Europa em torno dos projectos de integração para o espaço da defunta URSS. A “Parceria Oriental”, uma iniciativa que propõe acordos de associação a seis antigas repúblicas soviéticas (mas excluindo a Rússia) adoptada pela UE em Maio de 2009, meses depois do conflito da Geórgia e da opção de Kiev de pela neutralidade.²⁵; e a “União Eurasiática”, uma iniciativa de Moscovo destinada a reunir num espaço económico comum várias repúblicas da ex-URSS.²⁶

A decisão de suspender a assinatura de um acordo com a UE em Novembro de 2014 desencadeia uma sublevação em Kiev – o *EuroMaidan* -que levará quatro meses depois à queda do regime pró-russo de Viktor Ianukovitch.

A reacção é imediata. No final de Fevereiro forças russas ocupam a Crimeia num movimento relâmpago e dias depois Moscovo decreta a anexação da península, um objectivo estratégico crucial para a Rússia. As regiões de maioria russa do Leste da Ucrânia - Donetsk, Luhansk and Kharkiv – rejeitam a autoridade de Kiev e iniciam uma sublevação armada com o apoio discreto de Moscovo.

A tensão entre Moscovo e Washington sobe ao rubro. O Ocidente denuncia a anexação da Crimeia como uma violação intolerável. Moscovo aponta o dedo ao papel de deputados europeus e de Victoria Nuland, sub-secretária de Estado para os Assuntos Europeus, na

²⁵ *The Guardian*, 12 de Dezembro de 2013.

²⁶ Trata-se da união alfandegária entre a Rússia, Belarus e o Cazaquistão criada em 2009 e transformada quatro anos depois em espaço económico único a que se juntaram a Arménia e o Quirguistão.

EuroMaidan e acusa o Ocidente de orquestrar o “golpe de Kiev” e de pretender “semear a instabilidade” na vizinhança da Rússia.²⁷

Numa longa intervenção perante a Assembleia Federal russa, a 18 de Março de 2014, Putin sublinha os laços entre a Rússia e a Crimeia desde Catarina a Grande, e argumenta que a anexação da península se limita a corrigir decisão “ilegal” de Krutchov de entregar a Crimeia à RSS da Ucrânia em 1954.²⁸ Moscovo insiste ainda na responsabilidade de proteger as “comunidades russas” no leste da Ucrânia contra as forças “fascistas” e “russóforas” que tomaram o poder em Kiev.

Em Moscovo a vigilância do discurso público e a pressão sobre os *media* acentua-se. Vários analistas sustentam mesmo que as preocupações domésticas do regime, e em particular um receio de contágio da rebelião em Kiev, pesam fortemente nas reacções do Kremlin perante o *Euromaidan*.²⁹ Ainda assim, a anexação da Crimeia é acompanhada por um sobressalto de patriotismo na Rússia e por um reforço da popularidade de Putin.

A crise ucraniana inscreve-se no duelo de influências no espaço da ex-URSS que se precipita com as “revoluções coloridas”. Solenemente ratificado a 16 de Setembro pelo Parlamento de Kiev, o acordo entre Kiev e Bruxelas ficou na prática suspenso. O alcance palpável do conturbado processo de associação com a UE foi assim o derrube do regime Ianukovitch e a ruptura entre Moscovo e Kiev.

Washington e Bruxelas impõem um pacote de sanções económicas e políticas, a participação de Moscovo no G8 é suspensa, a NATO interrompe toda a cooperação com a Rússia, o Kremlin responde com medidas de retaliação contra as importações oriundas de países da União.

A ocupação russa da Crimeia desencadeou uma espiral de medidas e contra medidas militares entre Moscovo e a Aliança Atlântica. A NATO anuncia a criação de uma nova força de reacção de 4 000 homens com capacidade de se deslocar para a Polónia ou para os Estados do Báltico em 48 horas. Os Estados Unidos anunciam a instalação de seis novas companhias no flanco leste da Aliança – Polónia, Estados do Báltico, Roménia e Bulgária. Em Maio e Junho de 2016 a NATO promove o exercício *Anakonda-16*, num cenário de ameaça militar à Polónia e aos estados do Báltico, envolvendo 31 mil soldados, entre eles um contingente ucraniano.³⁰

A Rússia responde com uma série de exercícios, envolvendo treino de mobilização de reservistas e de cooperação com autoridades civis em situações de emergência e a 13 de Junho instala o seu mais moderno sistema anti-aéreo, o S-400, no enclave de Kaliningrado

²⁷ Numa entrevista à *Russia Today*, a 23 de Abril, Serguei Lavrov denunciou o papel da CIA e da embaixada americana nos acontecimentos da Praça da Independência em Kiev.

²⁸ “Address by President of the Russian Federation”, disponível em en.kremlin.ru/events/president/news/20603. Numa declaração de política externa emitida a 3 de Junho de 2014, Putin diria que o Ocidente não dera à Rússia alternativa à anexação da Crimeia já que a NATO se preparava para mover rapidamente forças para Sebastopol e mudar radicalmente a balança de poder na região privando a Rússia “de tudo por que tinham lutado desde os tempos de Pedro o Grande”.

²⁹ O Kremlin recearia ainda um eventual efeito de contágio da aproximação de Kiev ao Ocidente em regiões da Rússia onde se registaram impulsos secessionistas ao longo dos anos 1990 (Tchetchénia, Carélia, orla do Pacífico).

³⁰ Dmitri Trenin, “East-West Standoff in Europe Becoming Progressively Institutionalized”, *Eurasia Daily Monitor* Volume: 13 Issue: 108 June 16, 2016.

e a 9 de Outubro anuncia a instalação de mísseis *Iskander*, com capacidade para atingir as repúblicas do Báltico, grande parte da Polónia e Berlim.³¹

“Ameaças” internas e externas

Outra consequência importante da crise ucraniana é a notória degradação das relações entre a Rússia e a Europa.³² Em resposta à anexação da Crimeia Bruxelas suspendeu a cooperação com Moscovo e em Junho de 2014 juntou-se a Washington na imposição de sanções que limitam severamente o acesso da Rússia ao mercado de capitais e bloqueia as exportações de tecnologias sensíveis.

No período Ieltsin Moscovo apostou fortemente na Europa e numa estreita cooperação entre a União Europeia e a CEI. A degradação das relações entre a Rússia e o Ocidente comprometeram estas expectativas, e o alargamento da UE a Leste - e em particular o *Eastern Partnership* de 2009 - acabou ser percebido em Moscovo como uma ameaça semelhante à expansão da NATO.³³ A Europa continua a ser o primeiro parceiro comercial da Rússia mas a crise energética de 2006 introduziu um elemento de desconfiança entre as duas partes.³⁴

O Kremlin tentou ao mesmo tempo explorar potenciais desencontros transatlânticos, jogando com pontuais cumplicidades entre Moscovo e Paris no conflito da Bósnia e a resistência conjunta da França, da Rússia e da Alemanha à invasão do Iraque em 2003, e sobretudo com as divisões no seio da NATO quanto às relações com a Rússia.

Numa conferência de imprensa em S. Petersburgo no quadro do *International Economic Forum* de Junho último Putin acusou a América de usar a NATO para criar um fosso entre a Europa e a Rússia e os estrategos de Washington de viverem obcecados com o “fantasma” de uma aproximação entre a Rússia e a Europa, entre apelos renovados a uma “Europa unida”.

Na sequência da anexação da Crimeia vários países da União bloquearam em 2007 a renovação da Parceria Rússia-UE estabelecida em 1994 e reconduzido em 1997 com o objectivo de criar um espaço económico comum .

A Rússia tem sido acusada de apoiar e subsidiar uma série de movimentos eurocépticos -“da esquerda radical à extrema direita, incluindo verdes, antiglobalistas, elites financeiras, partidos populistas e conservadores – numa aparente manobra de criação de uma frente comum anti-União. Moscovo não escondeu o seu gáudio pelo *Brexit* e responsáveis de Bruxelas acusaram repetidamente a Rússia de apostar em “enfraquecer” e “dividir” a Europa.

³¹ O sistema *Iskander*, conhecido como SS-26 (e baptizado “*Stone*” no jargão da NATO) tem gerado alguma controvérsia dado o seu raio de acção e sobretudo a sua capacidade dual, já que pode transportar uma ogiva tanto convencional como nuclear.

³² James Sherr, “How Russia’s relationship with Europe has evolved”, *BBC News*, 5 January 2016, www.bbc.com/news/world-europe-35154633.

³³ A decisão de lançar o projecto de acordos de associação com os estados oriundos da ex-URSS (mas excluindo a Rússia) foi tomada meses depois da decisão de adiar a integração da Ucrânia na NATO por pressão do países de Leste fortemente hostis à Rússia.

³⁴ Crise da Primavera de 2006 quando um corte de gás russo à Ucrânia provocou uma séria crise no abastecimento a vários países europeus, accionando alertas para a tentativa do Kremlin de utilizar a arma energética como instrumento de pressão política.

O impacto da crise da Ucrânia da tensão crescente com os Estados Unidos e a NATO marca os mais recentes documentos estratégicos da Rússia – a Doutrina Militar de 2014 e o Conceito de Segurança Nacional aprovado um ano depois, no final de 2015.³⁵

A nova versão da Doutrina Militar russa, assinada por Vladimir Putin a 25 de Dezembro de 2014, aponta a deslocação da “infra-estrutura militar” da NATO para junto das fronteiras russas e a “instalação de contingentes militares de Estados estrangeiros” nos países vizinhos como “ameaças militares” à Federação russa.

O documento aponta ainda como riscos militares a ter em conta os “sistemas de defesa antimísseis estratégicos”, a “intenção de instalar armas no espaço” e o desenvolvimento de “sistemas de armas estratégicos não nucleares”, mencionando explicitamente pela primeira vez as capacidades “*global strike*” desenvolvidas pelos Estados Unidos, e ainda o recurso a tecnologias da informação, das redes sociais aos ataques cibernéticos, como instrumento para atingir objectivos político-militares.

A nova doutrina reitera a importância do dissuasor nuclear e o direito a recorrer à arma nuclear em caso de ataque em alarga escala que ameace a existência da Federação russa. Face às novas capacidades convencionais dos EUA introduz por outro lado o novo conceito de “dissuasão não nuclear”.

A doutrina 2014 avança o novo conceito de “guerra não linear” - que, segundo os especialistas, corresponde precisamente às acções russas na Ucrânia - e introduz o conceito de “*mobilization preparation*” que prevê a mobilização da sociedade e da economia em caso de ameaça interna ou externa ao país. Estabelece enfim uma estreita ligação entre as ameaças externas e domésticas.³⁶ No plano interno o documento chama a atenção para a possibilidade de “choques étnicos e religiosos” no seio da Federação e dá particular destaque às actividades de “serviços de *intelligence* estrangeiros”, “grupos sociais radicais” e de “NGOs nacionais e estrangeiras” como potenciais agentes de “desestabilização” ou mesmo de “transformação violenta da ordem constitucional” do país.

A nova Estratégia de Segurança Nacional para a Rússia, de 31 de Dezembro de 2015, retoma boa parte das preocupações da Doutrina Militar. Destaquem-se, no plano interno, múltiplas referências aos “valores espirituais e morais tradicionais russos”.

Ambos os documentos sublinham o empenho na cooperação política, económica e militar com o Ocidente, em particular no combate ao terrorismo e o extremismo jihaddista, no controlo de armamentos e nas defesas antimísseis, mas apenas dentro do devido “respeito pelos interesses russos” e insistindo na ideia de um “diálogo de iguais” com os EUA e a NATO.

³⁵ “The Military Doctrine of the Russian Federation”, aprovada a 25 de Dezembro 2014, tradução inglesa disponível em <http://rusemb.org.uk/press/2029>; “The Russian Federation’s National Security Strategy”, de 31 de Dezembro de 2015, disponível em versão inglesa em <http://www.ieee.es/Galerias/fichero/OtrasPublicaciones/Internacional/2016/Russian-National-Security-Strategy-31Dec. 2015.pdf>.

³⁶ Ver, de Margarete Klein, “Russia’s New Military Doctrine NATO, the United States and the Colour Revolutions”, SWP Comments 2015/C 09, February 2015, disponível em https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/.../2015C09_kle.pdf.

As reformas militares russas

A rapidez da movimentação das tropas russas que ocuparam a Crimeia no final de Fevereiro de 2014 e a eficácia do apoio (que o Kremlin sempre negou) às forças rebeldes do Donbass no Verão de 2015 apanharam de surpresa muitos observadores no Ocidente.

A acção russa revelou uma agilidade de movimentos, uma nova eficácia operacional e táticas e competências novas que estabelecem um contraste notório com o exército que combateu na Geórgia em 2008 – sublinham os analistas.³⁷ Era o primeiro resultado visível das reformas militares empreendidas na Rússia nos últimos anos.

A questão das reformas militares na Rússia arrasta-se entre avanços e recuos desde o colapso da URSS, mas em mais de duas décadas pouco passaram do papel. Em 2000, sob o impacto do ataque da NATO à Sérvia, em 1999, e em 2006 Vladimir Putin anuncia com grande pompa mediática aumentos substanciais de Defesa da Rússia e um ambicioso programa de reequipamento das forças russas.³⁸

A reacção russa na Geórgia em 2008 chamou desde logo a atenção dos observadores em Washington. A desproporção das capacidades militares em confronto é enorme, mas os analistas são praticamente unânimes em sublinhar a preparação cuidada e a eficácia com que o *blitz* russo desbaratou o dispositivo militar georgiano.³⁹

Os analistas apontam ainda assim falhas óbvias na operação russa – tanto em matéria de equipamento como de organização, deficiências na coordenação entre os meios aéreos e terrestres e a supremacia georgiana em logística, meios de visão nocturna e armas anti-tanque – e que provocaria aliás danos consideráveis nas forças russas e nomeadamente a perda de alguns aviões.

O conflito da Geórgia introduz um elemento novo no duelo entre a Rússia e o Ocidente pela influência no espaço da ex-URSS: o recurso à força. As reformas da Defesa ganham nova urgência. A Rússia refez de alto a baixo a estrutura das suas forças armadas, dos comandos estratégicos até às novas brigadas de combate e implementou reformas profundas destinadas a melhorar a organização e a logística e a aumentar a prontidão e a mobilidade das suas forças militares.⁴⁰

A Ucrânia terá sido o primeiro grande teste.⁴¹ As forças russas revelaram uma surpreendente capacidade de coordenação numa manobra de grande complexidade e uma

³⁷ Dmitri Trenin, “The Russian Military in the Ukraine Crisis”, Carnegie Moscow, January 12, 2015 disponível em <http://carnegieendowment.org/2015/01/12/russian-military-in-ukraine-crisis>.

³⁸ Ver, de Zoltan Barany, “The Politics of Russia’s Elusive Defense Reform”, *Political Science Quarterly*.

³⁹ “The Russian Military and the Georgia War: Lessons and Implications”, de Ariel Cohen Robert E. Hamilton Strategic Studies Institute (SSI), June 2011 (www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/pub1069.pdf).

⁴⁰ Ver, de Gustav Gressel “Russia’s quiet military revolution, and what it means for Europe” European council on foreign relations, disponível em www.ecfr.eu/page/-/Russias_Quiet_Military_Revolution.pdf. Ver ainda, para uma síntese das reformas militares russas, de Alexei G. Arbatov, “Military Reform in Russia: Dilemmas, Obstacles, and Prospects” *International Security* (The MIT Press), Vol. 22, No. 4, Spring, 1998, pp. 83-134, e, de Bettina Renz “Russian Military Capabilities after 20 Years of Reform”, *Survival* vol. 56 no. 3 June–July 2014, pp. 61–84.

⁴¹ Pavel K. Baev (2015), “Ukraine: a Test for Russian Military Reforms”, IFRI reports, disponível em https://www.ifri.org/.../ifri_rnr_19_pavel_baev_russian_military_reform_eng_may_2015_0.pdf.

notória perícia em táticas de guerra não convencionais. Os observadores notaram ainda a nova importância das forças de Operações Especiais russas (SOF), os “*little green men*” como ficaram conhecidos na Ucrânia e nos *media* ocidentais, actuando sem insígnias, e que tiveram um papel crucial no assalto à Crimeia.

A manobra russa deu ainda nota de uma capacidade sofisticada no domínio da guerra electrónica, da utilização de *drones* e ainda nível do reconhecimento estratégico – um domínio em que a Rússia estava muito atrasada e que procurou compensar através da mobilização de recursos de *intelligence* humanos e através da penetração nas estruturas de comando do adversário.

Mas o aspecto que mais terá alarmado os analistas ocidentais foi aquilo a que chamaram a “guerra híbrida” – uma acção que integra numa manobra coordenada operações semiclandestinas, guerra da informação, a propaganda e a guerra cibernética.

A acção russa coordenou de forma eficaz acções civis e militares, com a ajuda de forças paramilitares e não militares, beneficiando da capacidade desenvolvida pela Rússia desde o colapso da URSS de mobilizar cumplicidades (agentes e estruturas paraestatais) nos países vizinhos.

O programa de reequipamento das forças armadas russas anunciado por Putin em 2012 continua em grande medida suspenso da crise económica e do isolamento diplomático.⁴² Desde a presidência Medvedev a indústria bélica russa apostou em parcerias com países europeus e recorreu à importação para suprir algumas falhas ou modernizar o equipamento disponível - *drones* tácticos, novos equipamentos de rádio, meios de simulação e de treino computadorizado, redes de comando e controle e instrumentos de visão nocturna ou ainda parcerias para melhorar as técnicas de produção e de gestão de indústria de defesa russa.⁴³

As tensões nas relações russo-europeias e dificuldades orçamentais impuseram porém vários recuos e o adiamento de vários programas de reequipamento. A introdução de uma nova geração de aviões navios de guerra e sistemas terrestres está ainda numa fase inicial e os analistas prevêem o esforço de reequipamento só deverá começar a dar os primeiros resultados em 2020.⁴⁴

Apesar das deficiências que se verificam ainda na organização militar russa,⁴⁵ os analistas são unânimes em considerar que a Rússia é de novo uma potência militar convencional com que é preciso contar.

⁴² O ambicioso programa de Putin contempla um amplo espectro de equipamento de quinta geração, incluindo modernização do armamento nuclear, armas convencionais avançadas, instrumentos de Infowar, munições de precisão guiadas, aviação de combate de alta tecnologia, radar anti-stealth, entre outros. Ver, de Markus Heinrich, “New Century, Old Rivalries: Russian Military Modernisation and NATO”, *E-International Relations*, June 25 2016, 6554, disponível em www.e-ir.info/new-century-old-rivalries-russian-military-modernisation-and-nato-responses/

⁴³ O mais polémico desses projectos foi a venda de dois porta-helicópteros franceses da classe *Mistral* que seria cancelado por Paris em 2015.

⁴⁴ Entre os sistemas já introduzidos ou projectos em desenvolvimento destaquem-se o novo tanque (MBT) *T-14*, a nova Kalashnikov *AK-12*, os helicópteros de ataque modernizados *Mil Mi-28*, o caça stealth *Sukhoi PAK FA T-50*, os submarinos da classe *Borei*, o sistema de artilharia auto-propulsionado *Coalition-SV*, o blindado *Kurganets-25*, o sistema anti-aéreo de nova geração *S-500* e o Missil Balístico Intercontinental (ICBM) *RS-24 Yars*.

⁴⁵ Ver, Zoltan Barany, “Defence Reform, Russian Style: Obstacles, Options, Opposition”, *Contemporary Politics*, vol. 11, no. 1, 2005, p. 33.

A campanha russa na Síria

A notícia da chegada de uma força russa à Síria, em Setembro de 2014, surgiu como uma bomba. Era a primeira expedição das forças russas fora do espaço da ex-URSS.

Desde 2011 a Rússia resistiu aos esforços dos EUA, da Grã Bretanha e da França junto da comunidade internacional e do Conselho de Segurança para concitar apoios a uma intervenção no conflito da Síria. Depois do Iraque e da Líbia a Síria transformou-se numa “linha na areia” para a diplomacia russa, o momento – limite de reagir às intervenções do Ocidente em conflitos domésticos desde o final da era bipolar.⁴⁶

O apoio da coligação liderada pelos EUA aos grupos rebeldes ameaçava levar Assad à beira do colapso militar. Estava assim em causa um aliado com laços militar e político desde os tempos da URSS e uma das últimas posições estratégicas da Rússia no Médio Oriente.

A nível doméstico o Kremlin justifica a campanha síria antes de mais como uma acção destinada a combater o “terrorismo internacional” e portanto em nome da segurança nacional da Rússia. Moscovo previa na altura uma operação militar rápida, até para tranquilizar uma opinião pública preocupada com os custos da operação face aos embaraços económicos do país.

Um ano depois Moscovo parecia ter atingido boa parte dos seus objectivos – para surpresa de muitos analistas, em particular nos EUA, que se recusavam a reconhecer às forças russas capacidade para uma guerra expedicionária e que previam que a Rússia se veria atolada num conflito sem fim à vista. No plano militar o apoio russo permitiu ao regime sírio recuperar terreno e assumir a iniciativa. Assad ganhou outra margem de manobra e a Rússia tornou-se elemento incontornável na procura de qualquer solução para a Síria.

Ao mesmo tempo Moscovo multiplicou iniciativas diplomáticas no sentido de capitalizar em termos políticos e diplomáticos os ganhos militares. A par de várias tentativas goradas de chegar a um cessar-fogo e iniciar um processo negocial, o Kremlin anuncia em Março deste ano uma retirada parcial do contingente russo da Síria, ao mesmo tempo que exercia discretas pressões sobre Assad para um compromisso com a oposição. Em meados de Junho o próprio Vladimir Putin apelou ao início imediato negociações e à integração de alguns elementos da oposição no Governo de Assad agitando ao Ocidente o cenário catastrófico de uma desintegração descontrolada da Síria.

No início de Setembro último o secretário de Estado John Kerry e o ministro dos Estrangeiros Serguei Lavrov anunciaram uma “cessação das hostilidades” e uma coordenação de esforços para combater o Estado Islâmico e o grupo al-Nusra. Pela primeira vez Washington abdicava da exigência da retirada de Assad como condição prévia para negociações de uma solução política. O acordo admitia mesmo a coordenação das acções militares russas e americanas contra o Daesh e outros grupos radicais ligados à *al Qaeda*

⁴⁶ Declaração de Serguei Lavrov em Moscovo perante o Conselho de Política Externa e de Defesa, citada por Snetkov, 2015: 161.

uma perspectiva sem precedentes e que dividiu a Administração Obama e foi encarada com grande cepticismo pelo Pentágono.⁴⁷

O cessar-fogo arrastou-se, entre contínuas violações e percalços, durante uma semana. Até que, a 17 de Setembro, aviões americanos bombardearam uma posição síria matando dezenas de soldados. O “cessar-fogo” e a perspectiva de um processo de paz estavam definitivamente comprometidos. O Comando Central americano emitiu um comunicado dizendo que se tratara de um erro e que os pilotos pensavam estar atingir posições do Estado islâmico. O incidente alimentou ainda assim rumores de que se trataria de uma iniciativa da responsabilidade do Pentágono e à revelia de John Kerry.⁴⁸

Lavrov acusou a parte americana de fazer “jogo duplo” e de faltar à promessa de persuadir os rebeldes apoiados pelos EUA a demarcar-se da facção jihadista.⁴⁹ O chefe da diplomacia russa apontou ainda o dedo ao sistemático reforço e reequipamento dos grupos a cada “pausa humanitária” nas hostilidades acordada com a parte americana para apoio às populações.⁵⁰

Rompida a trégua acordada entre Kerry e Lavrov as forças fiéis a Assad lançaram um assalto em larga escala à parte oriental de Aleppo, bastião dos rebeldes. Estava em causa um momento fundamental da batalha da síria. A tomada de Aleppo inclinaria decisivamente a balança militar e a sorte das armas para o lado das forças de Assad e obrigaria os rebeldes a negociar nas condições do regime sírio.⁵¹

Enquanto, indiferentes aos protestos internacionais, Damasco intensificava intensificavam os bombardeamentos contra Aleppo, Washington e os seus aliados tentavam a todo o custo travar o avanço das forças de Assad sobre a cidade, jogando com uma campanha de acusações contra as forças russas e sírias de crimes de guerra e do bombardeamento indiscriminado de civis, a par de discretas pressões e ameaças de novas sanções.

A intervenção na Síria marca, na perspectiva de muitos analistas, o regresso da Rússia ao papel de “actor” global na cena internacional. A campanha síria garantiu a Moscovo um protagonismo no Médio Oriente que há muito não conhecia, um reforço dos laços com o Irão, outro aliado crucial de Assad, e mesmo uma reformulação das suas relações com Israel.

Russos e turcos têm objectivos em confronto no conflito das Síria –a Turquia a apoiou política e militarmente a oposição a Assad – e estiveram à beira do confronto quando, em Novembro de 2015 caças turcos abateram um avião russo sobre a fronteira russo turca.

⁴⁷ “Syria ceasefire: Pentagon disquiet over US-Russia air war plan”, *BBC News*, 15 September 2016, www.bbc.com/news/world-middle-east-37360075.

⁴⁸ *Idem*.

⁴⁹ A Frente al-Nusra, auto-rebaptizada entretanto Jabhat Fatah al-Sham and garantindo que tinha cortado quaisquer laços com a *al-Qaeda* é uma das milícias mais temidas. Diversas outras milícias têm feito alianças mais ou menos fugazes coma al-Nusra.

⁵⁰ Em declarações à cadeia Russia Today, a 30 de Setembro, Lavrov acusou os Estados Unidos de manterem o grupo al Nusra como reserva para um “plano B” destinado a derrubar o regime de Assad.

⁵¹ Ver “Syria crisis: Russia’s strategy and endgame?” – *BBC News*, 8 de Outubro de 2015, www.bbc.com/news/world-europe-34474362.

A evolução da conjuntura síria acabaria por levar, apesar dos objectivos estratégicos em confronto, a uma súbita reaproximação entre Moscovo e Ancara.⁵²

A reaproximação russo-turca assumiu mesmo aspectos alarmantes para o Ocidente quando, numa entrevista à revista russa *Sputnik*, a 18 de Agosto último, o ministro dos Estrangeiros de Ankara, Mevlut Cavusoglu, falou dos desencontros políticos com a NATO e da desilusão turca com a União Europeia e admitiu um estreitamento da cooperação militar com a Rússia. A Turquia tem uma importância crucial no flanco Sul da NATO e a reaproximação entre Moscovo e Ancara lança novos dados no conflito sírio e uma nova dinâmica em toda a área do Médio Oriente.

Apesar dos avanços conseguidos no terreno a situação na Síria continua a representar uma jogada de alto risco para Moscovo. A Rússia não conseguiu ainda capitalizar à luz dos seus objectivos os êxitos no terreno. O exército sírio vê-se ainda a braços com grandes dificuldades apesar do apoio russo. Os fantasmas do Afeganistão (1979-89) e da Tchetchénia continuam muito presentes, a arrastar-se, a intervenção na Síria arrisca-se a gerar resistências na opinião pública russa. E os cálculos estratégicos de Moscovo não coincidem com os de Assad (ou mesmo do aliado Irão). Em suma, a Rússia não uma estratégia de saída e os ganhos estratégicos conseguidos na Síria podem revelar-se incertos.

“Perder a Rússia”

As razões da degradação das relações entre a Rússia e o Ocidente dividem os meios políticos, jornalísticos e académicos do Ocidente. De um lado aponta-se o dedo à “deriva autoritária” do regime de Putin, agita-se o regresso aos reflexos soviéticos e acusa-se o Kremlin de prosseguir uma política agressiva e revanchista apostada em recuperar pela força o terreno perdido com o colapso da URSS. Não considerou Putin o colapso da URSS, “a maior catástrofe geopolítica do século”?

Do outro, invoca-se a expansão da NATO, e o facto de o Ocidente nunca ter deixado de olhar a Rússia com desconfiança, como um sucessor mal disfarçado da URSS, nunca ter reconhecido à Rússia interesses legítimos e uma voz de pleno direito no concerto das Nações. “O que os russos têm procurado, por vezes de forma desajeitada, é uma aceitação do seu papel como iguais no novo sistema internacional e não como derrotados da guerra-fria a quem podem ser ditadas condições” -assinaram Henry Kissinger and George Shultz ,dois antigos chefes da diplomacia norte-americana, em 2008, em plena crise da Geórgia.⁵³

A política russa oscilou na era pós-soviética entre “gestos” em direcção ao Ocidente, na procura do reconhecimento de um estatuto de “parceiro entre iguais” e reflexos de entricheiramento. Mesmo nas suas expressões de maior assertividade diplomática e militar, a política russa teve ao longo de todo este processo – de Gorbatchov a Ieltsin e a Putin – um

⁵² “Turkey Invasion of Syria Highlights Shifting Alliances”, *Spiegel Online*, 26 Aug 2016, disponível em www.spiegel.de/.../turkey-invasion-of-syria-highlights-shifting-alliances-a-1109649.html.

⁵³ Henry A. Kissinger and George P. Shultz, “Finding Common Ground”, *International Herald Tribune*, September 30, 2008, www.henryakissinger.com/articles/ih093008.html.

carácter fundamentalmente defensivo, de contenção de danos nos recuos sofridos com o colapso da URSS, os sucessivos alargamentos da NATO ou as “revoluções coloridas”.

O Ocidente optou por negar à Rússia o espaço reclamado pelo Kremlin. Na perspectiva de Moscovo a voz da Rússia nunca foi verdadeiramente tida em conta pelo Ocidente em questões-chave da segurança internacional tais como a “guerra ao terror” dos anos 2000, as crises do Afeganistão (2001-2014), o Iraque, a questão nuclear do Irão, as “intervenções humanitárias” a Líbia (2011) a Síria (2011-2016), ou mesmo a gestão do espaço ex-soviético, sobretudo depois dos conflitos da Geórgia e da Ucrânia. Washington apostou em afirmar a sua influência em áreas que a Rússia reclama como parte da sua “esfera de influência” histórica, e os alargamentos da NATO pressionaram militarmente a Rússia até às suas próprias fronteiras.

Diversas figuras políticas têm mesmo manifestado algum alarme perante a situação. A 18 de Junho último o ministro dos Estrangeiros alemão, Frank-Walter Steinmeier, alertou, numa entrevista ao *Bild am Sonntag*, contra as “exibições de belicismo” da NATO nas fronteiras orientais da Aliança.

Dmitri Simes observava em 2007, em pleno impacto das “revoluções coloridas”, que o Ocidente estava de algum modo a “perder a Rússia”, apontando o impacto do alargamento da NATO a Leste ou a acção de Washington no espaço da ex-URSS na evolução da política russa.⁵⁴

Face aos problemas domésticos com que a Rússia se debate, aos choques com os seus principais parceiros externos com os Estados Unidos e a União Europeia e à incerteza que rodeia as suas futuras relações com outros grandes tenores do concerto das nações (incluindo a própria China), a Rússia está de novo numa encruzilhada.⁵⁵ Acções como a anexação da Crimeia ou a intervenção na Síria valeram à Rússia a imagem de uma potência agressiva e imprevisível nos *media* e entre as elites políticas do Ocidente, e condenaram-na a um isolamento comprometedor para o desenvolvimento do país (Snetkov, 2015: 165).

O comportamento pouco lustroso da selecção e dos adeptos russos no recente campeonato da Europa de futebol, as sanções anti-*doping* que afastaram tantos atletas russos das competições internacionais e as vaias que saudavam sistematicamente os atletas do país que conseguiram competir nos Jogos do Rio eram bem a imagem de isolamento da Rússia num dos domínios em que o país tinha maior prestígio internacional. Situação que os russos sentem aliás como uma discriminação, ditada por razões políticas, e que fizeram do desporto russo bode expiatório de práticas recorrentes em tantos outros países.

Mais do que um enorme recuo estratégico a expansão da NATO e (e o próprio alargamento europeu) transformou os antigos aliados da URSS – Polónia, Báltico, a “fidelíssima” Bulgária, a Ucrânia de Porochenko – numa frente apostada no confronto político e mesmo militar com a Rússia, e num activíssimo *lobby* anti-russo nas estruturas da NATO e da União Europeia.

⁵⁴ Simes, Dimitri K. “Losing Russia : the costs of renewed confrontation”, *Foreign Affairs*, Vol. 86, No 6, Novembro-Dezembro de 2007.

⁵⁵ “Is Russia still a key world power?” BBC News, disponível em www.bbc.com/news/world-europe-34857908.

A tensão com Moscovo deu mesmo uma nova razão de ser a uma NATO que atravessou diversas crises existenciais desde o colapso do antigo bloco Leste, e mesmo novos argumentos a Washington para exigir aos seus parceiros da Aliança – muitos deles reticentes em relação à política de confronto com a Rússia - uma disciplina estratégica reforçada e uma maior partilha do fardo da Defesa.

Ainda assim, reconhecem muitos analistas, “*Russia is back!*”, afirmando-se de novo como um actor incontornável na cena internacional. A um preço elevado, Putin terá atingido em boa parte o grande objectivo do programa de “reconstrução” que se propôs levar a cabo ao chegar ao poder há 17 anos - devolver à Rússia o estatuto de *drjanvost*, de “grande potência” que o seu passado reclama.

A crise económica que atinge a Rússia e os sinais de descontentamento no país alimentaram especulações de uma quebra no apoio doméstico a Vladimir Putin. Nenhum dado prenuncia porém um desafio directo ao regime ou à autoridade do Kremlin. A economia russa atravessa dias difíceis mas não está à beira do colapso como no final dos anos 1990. E a hostilidade do Ocidente oferece a Putin argumentos para um cerrar de fileiras entre os russos.

O clima de “guerra-fria” está de novo instalado. Face às tensões acumuladas e ao extremar de posições dos dois lados não se afigura fácil o regresso a um clima de diálogo e de cooperação entre a Rússia e o Ocidente. Para já, a política de isolamento da Rússia arrisca-se a agravar ainda mais a agressividade e a aposta na força militar da política externa e de segurança da Rússia.

Há mesmo um risco potencial de confronto militar directo numa derrapagem na Ucrânia, num confronto na Síria ou num simples incidente dada a proximidade dos dispositivos de guerra acumulados pela NATO e pela Rússia nas imediações do Báltico. A perspectiva de um choque militar com a Rússia entrou já mesmo no imaginário dos consumos mediáticos e do *entertainment* e alimenta uma florescente ficção. No início de Fevereiro deste ano a BBC exibiu um popular documentário intitulado “*World War Three: Inside the War Room*” encenando o cenário de um hipotético ataque da Rússia aos seus vizinhos do Báltico e um confronto militar em larga escala entre a Rússia e a NATO.

A situação está ao mesmo tempo suspensa de novas incógnitas, em particular da política que será prosseguida pela nova Administração americana, das suas incidências nas relações entre os EUA e a Europa e dos dilemas do próprio processo europeu – incógnitas que poderão lançar a breve trecho novos dados na conturbada equação das relações entre a Rússia e o Ocidente.

Bibliografia

- Blum, D. W. (ed.) (2008) *Russia and globalization: identity, security, and society in an era of change*, Washington D.C: Woodrow Wilson Center Press.
- Bremmer, Ian e Ray Taras (1997), *New States new Politics Building the Post Soviet Nations*, Cambridge: Cambridge University Press.

- Brzezinski, Zbigniew (1997) *The grand chessboard, American Primacy and its Geostrategic Imperatives*, New York: Basic Books.
- Cimbala, S. J. (2001), *The Russian Military in to the 21st Century*, London: Frank Cass.
- Clunan, A. L. (2009) *The Social Construction of Russian Ressorgence: aspirations, identity and security interests*, Baltimore: John Hopkins University Press.
- Henderson, Karen e Neil Robinson (1997) *Post-Communist Politics-An Introduction*, London: Prentice Hall.
- Hosking, Geoffrey (2001) *Russia and the Russians*, London: Allen Lane, The Penguin Press.
- Figes, Orlando (2010) *Natasha's Dance: A Cultural History of Russia*, Loondon: Allen Lane Penguin Press.
- Kanet, R. E. (ed.) (2005) *The new security environment: the impact on Russia, Central and Eastern Europe*, Aldershot: Ashgate.
- Lewin, Moshe (2003) *Le siècle soviétique*, Paris: Fayard-Le Monde Diplomatique.
- Lo, B. (2003) *Vladimir Putin and the evolution of Russian Foreign Policy*, Oxford: Blackwell.
- MacKinnon, M. (2007) *The new cold war: revolutions, rigged elections and pipeline politics in the former Soviet Union*, Toronto: Random House Canada.
- Medvedev, Roy (2000), *Post Soviet Russia: a journey through the Yeltsin era*, Columbia University Press.
- Nygren, B. (2007) *The Rebuilding of Gretar Russia: Putin's Foreign Policy toward the CIS Countries*, Abingdon: Routledge.
- Rumer, Eugene B. (2007) "Russian foreign policy beyond Putin", *Adelphi Paper* no 390, London: International Institute for Strategic Studies.
- Sakwa, R. (2008) *Putin: Russia's choice* (2nd ed.), New York, Oxon: Routledge.
- Smith, Hedrick (1990) *The New Russians*, New York: Random House.
- Smith, S. (2005) "The contested concept of security in Booth, K. (ed.) (2005) *Critical Security Studies and World Politics*, Boulder, Colorado: Lynne Rienner Publishers.
- Shevtsova , Lilia (2007) *Russia – Lost in Transition: The Yeltsin and Putin Legacies*, Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace
- Shevtsova , Lilia (2010) *Lonely Power, Why Russia Failed to Become the West and the West is Weary of Russia*, Washington, DC: Carnegie Endowment for International Peace.
- Snetkov, Aglaya (2015) *Russia's Security Policy under Putin. A crtical perspective*, London: Routledge.
- Solzhenitsyn, Aleksandr (1991) *Rebuilding Russia*, Madison: The Harvill Press.
- Trenin, D. (2002) *The End of Eurasia: Russia on the border between geopolitics and globalization*, Washigton and Moscow: Carnegie Endownment.